

ESTÁGIO SUPERVISIONADO – VIVENDO, CONTANDO E ENCANTANDO COM A LEITURA EM SALA DE AULA

Francisco Hamaral Nunes de Freitas
Graduando e Bolsista PIBIC/Pedagogia/CAMEAM/UERN
hamaral.2006@hotmail.com

Maria Imaculada da Conceição Aquino
Graduanda/Pedagogia/CAMEAM/UERN
imaculadaaquino17@hotmail.com

Iandra Fernandes Pereira Caldas
Professora orientadora/CAMEAM/UERN
iandrafernandes@hotmail.com

Resumo: neste artigo iremos trabalhar a importância da leitura na Creche, enfatizando o valor da linguagem oral no desenvolvimento psíquico e também emocional das crianças, bem como a sua importância para o estímulo da imaginação e da criatividade. Para nossa pesquisa adotaremos uma abordagem qualitativa, alicerçada na pesquisa participante e o instrumento da coleta será a gravação em áudio de uma contação da história do livro “Chapeuzinho Amarelo” de Chico Buarque (2005), realizada na Creche Municipal Criança Feliz, que se encontra localizada na cidade de Pau dos Ferros - RN. Nessa gravação o nosso principal objetivo era perceber as reações dos alunos no decorrer da contação da história, estando atentos a alguns pontos como: atenção, personalidade, imaginação, repertório de palavras e gosto pela leitura. Nessa perspectiva, percebemos que as crianças reagiram de maneira positiva, contribuindo com a história e em alguns momentos completando as frases e até imitando gestos e sentimentos dos personagens do livro. Percebemos ainda que, por pequenas que fossem as crianças, as mesmas se sentiram muito a vontade para expressar suas opiniões, fazendo conexões com outras histórias ou fatos vividos.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado I. Leitura. Creche.

1 Considerações Iniciais

O interesse por pesquisar sobre a importância da leitura na Creche com crianças da faixa etária de 2 anos, surgiu através de nossa experiência no Estágio Supervisionado I, onde observamos que ao fazermos rodas de leitura as crianças acabavam entrando na narrativa, desenvolvendo a atenção, a personalidade, a imaginação, o repertório de palavras e o gosto pela leitura, compartilhando as sensações dos personagens e opinando sobre os fatos da história.

Vale destacar aqui a importância da leitura no desenvolvimento psíquico e emocional das crianças, pois é através da palavra que estas serão introduzidas em uma dada cultura, em

uma linguagem e em um meio social. Daí a força da oralidade, das narrativas (seja através de músicas, de brincadeiras, de leituras compartilhadas, rodas de leitura e rodas de conversas) na sala de aula, onde o interessante é que as crianças partilhem de experiências com a linguagem, estabelecendo laços e um contato maior com o adulto leitor e com as outras crianças.

Ainda na perspectiva profissional, o que torna imprescindível o estudo desse tema é que, enquanto futuros docentes, devemos assumir o papel de mediadores entre as crianças e o livro, cabendo a nós educadores orientar a escolha das histórias, adaptá-las, inventá-las e contá-las, sem deixar de lado a liberdade de escolha das crianças, de forma que possamos estar incorporando o livro no cotidiano destas, afim de estabelecer um processo de familiarização com o universo da leitura.

Nesta perspectiva, acreditamos que desenvolver a linguagem oral na sala de aula desde muito cedo, propicia o contato e a aprendizagem das palavras, incitando a atenção das crianças, bem como dando à chance de se praticar a fala, pois quanto menor for à faixa etária das crianças, mais necessário será o diálogo e a promoção da interação.

Vale ressaltar que o contato com os livros abre um leque de possibilidades, favorecendo e estimulando a convivência, a percepção tátil, a observação, o conhecimento de mundo, a imaginação e a criatividade, proporcionando assim, novas experiências e situações a serem vividas.

Desta forma, o nosso maior objetivo é evidenciar a importância de se trabalhar a leitura com as crianças da primeira infância, demonstrando que não é perda de tempo ler para crianças que ainda nem aprenderam totalmente a falar. Vale salientar que não há idade para dar início ao incentivo da leitura, pois mesmo que as crianças pequenas não entendam todo o contexto da história, a leitura realizada pelo professor os coloca em contato com uma linguagem que tem ritmo, expressão e emoção, que está envolvida por novas dimensões e descobertas.

Assim, a reflexão acerca do tema de estudo se dará inicialmente através de uma fundamentação teórica, onde utilizaremos os estudos de autores como Bettelheim (2008), Villard (2005), Godoy (2009), Gomes (2009) e Costa (2007). Em seguida verticalizaremos nossa compreensão para a análise de uma contação de história realizada na Creche Municipal Criança Feliz, localizada na cidade de Pau dos Ferros – RN, onde desenvolvemos no período de regência do Estágio Supervisionado I.

2 O estágio supervisionado e a escola estabelecendo uma parceria com a leitura

Tratar do processo de desenvolvimento do gosto pela leitura é algo que está interligado com a metodologia utilizada pelo professor e também a sua formação, pois somente através de um novo pensar e agir sobre a leitura é que se torna possível estabelecer um sólido elo entre a criança e o livro. Desta forma, discutiremos nesse tópico algumas concepções dos teóricos que tratam tanto da importância da literatura infantil para crianças, como da formação e o estágio supervisionado.

Desta forma, quanto ao docente no estágio supervisionado é importante tomarmos conhecimento da Resolução nº 36/2010-CONSEPE/UERN, que regulamenta o Estágio Supervisionado nos Cursos de Licenciatura da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte em seu Art.2 do capítulo 1, no qual:

O Estágio Curricular Supervisionado dos cursos de licenciatura da Universidade do Estado DO Rio Grande do Norte – UERN é concebido como um campo de conhecimento teórico-prático e interdisciplinar, que possibilita ao educando a aproximação, reflexão, interação e atuação no contexto social, étnico, político, tecnológico, cultural e educacional no qual o trabalho docente está inserido, configurando-se, assim, como espaço de convergência dos conhecimentos científicos pertinentes a cada área e das experiências pedagógicas vivenciadas no decorrer dos cursos, sendo essencial para a formação de competências docentes do futuro profissional licenciado.

Como podemos observar acima, o estágio se constitui como um campo de aprendizagens onde o futuro docente tem a chance de colocar em prática tudo o que aprendeu, nos oferecendo conhecimentos, competências e experiências práticas daquilo que aprendemos na faculdade, além de oportunizar um contato inicial com a nossa futura profissão. Aqui, ressaltamos também a grande importância do estágio enquanto mediadora de uma prática que auxiliará em nossa formação, dando a oportunidade de nós identificarmos com a profissão.

Quanto à formação do estagiário, trazemos aqui os estudos de Costa (2007), Godoy (2009) e Gomes (2009). A autora Costa (2008), em seu primeiro capítulo do livro “Metodologia do Ensino da Literatura Infantil”, vem relatar sobre a importância do trabalho mediador do professor e seus procedimentos, que devem possibilitar uma melhor formação de leitores, mostrando que o professor que trabalha com a literatura infantil, deve ser aquele profissional que procura escolher melhor as suas obras, que trabalhe com uma metodologia eficaz.

Entendendo-se que o professor é um sujeito fundamental na construção da aprendizagem da criança, compreende-se que, o mesmo deve possuir uma boa formação, bem como melhores condições na estruturação do seu trabalho.

É importante que o profissional da educação infantil reconheça a si e a seu aluno, podendo desenvolver nestes, características importantes na construção de sua identidade, contribuindo para a formação social dos mesmos. Desta forma, se a criança não compreende toda a dimensão do texto, cabe ao professor estimular o pensamento da mesma, não dando a solução pronta, mas procurando fazer com que este indague, busque respostas, reflita, podendo ter um olhar questionador.

Ainda no tocante a formação do professor que irá trabalhar com a literatura infantil, Costa (2009), vem nos dizer que o professor deve desenvolver a sensibilidade para com o texto literário, procurando adquirir previamente conhecimentos sobre as respectivas obras que o mesmo vai trabalhar, bem como também estar ciente das funções da literatura, para poder selecionar bem os conteúdos que serão trabalhados.

Nesta perspectiva, acreditamos que o docente deve ser um profissional bem preparado, tendo suporte para a execução de cada uma de suas atividades, devendo conhecer lançamentos recentes, e de preferência os textos inovadores, para que possa ser bem sucedido na sua prática.

Desta forma, Villard (2005), vai tratar das consequências dos procedimentos metodológicos dos professores no que se refere ao trabalho destes com a leitura de seus alunos. Para a autora, o que tem ocorrido na verdade, é que os professores estão colocando a leitura para seus alunos, como uma obrigação a cumprir, e não como algo prazeroso, e isso de certa forma têm impossibilitado estas de construir vínculos com o texto.

Podemos entender assim que, a maneira como o professor trabalha a leitura com o seu aluno é que vai fazer a total diferença, uma vez que, se o professor não despertar no seu aluno o gosto pela leitura, este vai fazê-la apenas por obrigação e desta forma, não poderá de maneira alguma construir laços com a mesma.

O que podemos perceber é que na maioria das vezes a leitura na educação infantil tem sido trabalhada de forma fechada, não obedecendo a planejamentos prévios e continuados, e tem apresentando como único objetivo aproximar a criança do livro, onde o professor lê ou conta histórias para uma determinada turma com frequência, mas sem ter uma definição de objetivos.

Desta forma, no que se refere à relação da criança com o texto, podemos destacar que:

[...] Como a prática pedagógica não valoriza o texto como algo concreto, que tem um valor intrínseco, a criança passa a vê-lo apenas por seu aspecto mais superficial, valorizando apenas o que se conta, ou seja, o enredo, sem ser preparada para valorizar como se conta, ou seja, o texto em si. (VILLARD, 2005, p. 20).

Entende-se desta forma que, quando não é despertada na criança a importância do texto como um todo, não se pode desenvolver nas mesmas as habilidades necessárias para o bom desempenho da leitura, e conseqüentemente não haverá uma valorização do texto de forma geral.

A leitura suscita o prazer, na qual, por meio da mesma, somos capazes de ingressar num universo fantástico, nada mais natural que unir o objeto “livro” a ideia de um “brinquedo”. Nesta perspectiva, Villard (2005, p. 81), destaca:

[...] Se a criança brinca, ela também é capaz de descobrir o lúdico do livro, encantando-se com as surpresas que lhe estão reservadas a cada virar de página. Sendo assim, quanto mais cedo à criança tiver contato com os livros, melhor; e quanto mais for capaz de ver no livro um grande brinquedo, mais fortes serão, no futuro, seus vínculos com a leitura.

Compreende-se desta forma que, se faz importante suscitar desde cedo na criança esse prazer pela leitura, fazendo com que a mesma encontre na leitura uma porta aberta para o mundo da imaginação, onde esta possa brincar com cada página do livro, levando-se em consideração que quanto mais cedo ela entrar em contato com esse grandioso mundo imaginário, mais fácil se dará a construção de laços com a leitura.

Villard vai destacar ainda que é somente a partir dos 2 anos de idade que o livro vai passar a ser considerado como um colaborador para o desenvolvimento da linguagem da criança. Assim a mesma destaca que:

Nesse momento, é indispensável que haja, nos livros, uma correlação muito evidente entre os fatos narrados e a ilustração, na medida em que ela será o apoio de que a criança lançara mão para reproduzir narrativas que lhes foram contadas. (VILLARDI, 2005, p.83)

Compreende-se desta forma, que quanto mais ilustrado o livro, melhor será, pois isto facilitará o entendimento da criança, pois a imagem além de ampliar a imaginação, possibilita uma maior harmonia da história, o que favorece a aprendizagem da criança.

É importante compreender que, ao trabalhar a leitura, o professor deve ter em mente, objetivos e metas, a serem alcançadas, e não apenas fazê-la de forma aleatória, pois isso não implicará em nenhum desenvolvimento do seu aluno.

Nesta perspectiva, o contato com a leitura desde cedo é algo muito importante, sendo assim Costa (2009), vai dizer que nas series iniciais, contar histórias em voz alta e falar sobre

livros de gravuras é essencial para o desenvolvimento da fala da criança, além de incentivar a leitura.

Desta forma, entende-se que, quanto mais cedo colocar o livro na vida da criança, melhor será para que esta desenvolva aspectos como: atenção, personalidade, imaginação, repertório de palavras e gosto pela leitura. Propiciando assim, a criação de um ambiente favorável a leitura, construindo na mente da criança a imagem de uma atividade prazerosa, fortalecendo esse anseio pela leitura.

Por fim, acreditamos que seja importante concluirmos este estudo teórico tratando do significado da literatura para a vida das crianças. Desta forma, conforme Bettelheim (2008, p. 10), uma das tarefas mais importantes e também mais difíceis que caracterizam o desenvolvimento da aprendizagem de uma criança é ajuda-la a encontrar significado na vida. Significado esse que se aprende à medida que se desenvolve, passando a se entender e entender melhor os outros. Nessa perspectiva, quando as crianças são pequenas, a literatura assume um importante papel que é o de introduzir um significado maior às suas vidas, isso porque a literatura transmitida de maneira correta influencia e estimula o desenvolvimento da mente e da personalidade.

Porém, é importante destacar que não vale apenas ler, é sempre importante observar o que tal leitura tem a acrescentar à nossas vidas. Procurando perceber sempre o que alcançaremos futuramente com essa atividade de leitura, levando-se em conta se isso me enriquecerá em algum aspecto.

Assim, para se trabalhar a história com a criança, o professor deve despertar na mesma a curiosidade, estimulando a imaginação, procurando desenvolver seu intelecto, sua imaginação, respondendo suas ansiedades e aspirações. Daí a importância dos contos de fada, que estimulam o desenvolvimento, e influenciam na construção da personalidade das mesmas.

3 Procedimentos, técnicas e resultados da pesquisa

A fim de pesquisamos sobre a importância de se trabalhar a leitura na Creche com crianças de faixa etária de 2 anos, utilizamos na pesquisa uma abordagem qualitativa, que se caracteriza como um:

[...] processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. Esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicações de

questionários, entrevistas e análise de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva. (OLIVEIRA, 2008, p. 37).

Dentre os tipos de pesquisa qualitativa escolhemos a pesquisa participante, na qual implica a efetiva participação do pesquisador na investigação. Vale ressaltar que na investigação participativa, “os sujeitos da pesquisa deixam de ser objetos, excluídos da reflexão e decisão, alienados do processo de conhecimento”, para se tornarem detentores deste. (CHIZZOTTI, 2008, p. 93 – 94).

Quanto ao tipo de instrumento escolhido foi à observação participante, pois esta “[...] se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado a fim de obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seu próprio contexto.” (OLIVEIRA, 2008, p. 80).

Tendo em vista que realizamos a gravação em áudio da contação da história do livro “Chapeuzinho Amarelo” de Chico Buarque (2005), se faz necessário analisarmos a mesma dando ênfase em alguns pontos como: atenção, personalidade, imaginação, repertório de palavras e gosto pela leitura.

Inicialmente é válido falarmos um pouco sobre a escola onde realizamos o estágio. A mesma tem por nome Creche Municipal Criança Feliz, funciona em uma casa de família que foi adaptada em escola, possuindo uma pequena entrada, 8 salas de aula que são organizadas em pequenos cômodos, 2 banheiros, 1 cozinha e um pequeno muro localizado atrás da creche que servirá também de espaço para atividades recreativas. Podemos observar também que a Creche não possuía sala de professores e muito menos secretária, sendo estas eram improvisadas na sala da casa.

Na escolha das salas de aula para a realização da observação e regência, escolhemos a Creche I, na qual estavam crianças da faixa etária de 2 anos de idade. Assim, quando nos voltamos para a sala de aula em questão, verificamos que a mesma não possuía um espaço adequado e nem mobília apropriada para as crianças, porém, mesmo carente em tais objetos, possuía um material pedagógico bem rico, como: brinquedos, blocos de montar, letrinhas moveis, livros infantis, TV, DVD, massinha de modelar, lápis de cor e em outros.

Após alguns dias de observação, percebemos que apesar de possui um material pedagógico que poderia ser trabalhado através de diversas atividades, o mesmo não era utilizado. Onde se limitava apenas a reprodução de DVD, sem nenhum objetivo pedagógico.

Nessa perspectiva, durante a semana de regência procuramos elaborar um projeto de intervenção que visasse à leitura de forma lúdica e com objetivos pedagógicos estabelecidos de acordo com os RCNs (1998), tendo em vista a carência desse ato em nossa sala de aula.

Assim, as contações de histórias infantis foram sendo realizadas todos os dias, onde juntamente com os alunos sentávamos no chão em forma de círculo e começávamos a leitura.

Para organizar melhor os dados coletados e que serão analisados neste artigo organizamos para facilitar a compreensão em dois pontos de discussão, a saber:

- **Atenção, personalidade, imaginação:**

Durante as 2 semanas de regência observamos que dia após dia as crianças dedicavam cada vez mais atenção as histórias contadas. Quanto à história de “Chapeuzinho Amarelo”, observamos através das falas que alguns alunos realmente procuravam interagir e opinar sobre a história, enquanto outros, mesmo quietos prestavam bastante atenção, chegando ao ponto de pedir ao coleguinha que fizesse silêncio.

Quando iniciamos a contação da história e começamos a dizer que Chapeuzinho tinha medo de tudo (de subir escada, de descer, de conto de fadas e até de amarelinha), fizemos alguns questionamentos que evidenciam a ~~grande~~ interação dos alunos:

“Estagiário B: Ela era corajosa?”

Aluno: Não

Estagiário A: ela tinha medo?

Aluno: Tinha medo.

Estagiário A: medo de quê?

Aluno: do lobo.

Estagiário A: Do lobo? E mais do que ela tinha medo?

Alunos: de cobra!

Estagiário A: De cobra? De quê mais?

Alunos: de gato, [...] de cachorro.”

O que podemos observar acima é que as crianças estavam atentas a contação e se empenhavam para responder as perguntas, pois apesar de no livro não ter nenhum cachorro ou gato, creio que muitas das vezes eles responderam aquilo por também terem medo desses animais. Acredito que fizeram uma relação com suas vivências, expondo também os seus medos e angustias.

Em outro momento do livro, quando foi dito que Chapeuzinho Amarelo não falava para não engasgar, não ficava em pé com medo de cair e por isso vivia parada, deitada, mas sem dormir porque tinha medo do pesadelo, desenvolveu-se o seguinte diálogo:

“Estagiário A: ela tinha medo de dormir?”

Alunos: tem

[...]

Estagiário B: Ela está como aqui?

Alunos: dormindo.

Estagiário A: Ela está dormindo?”

Aluno: é
Estagiário A: Mas os olhos dela estão abertos ou fechados?
Aluno: abertos
Estagiário A: Esta aberto porque ela tinha medo?
Aluno: Ela tinha medo de tudo, da cobra [...].”

Podemos observar aqui que as crianças já possuem algumas percepções acerca se estar dormindo ou acordando, bem como as percepções de medo que são demonstradas quando o aluno coloca “[...] ela tinha medo de tudo, da cobra”. É que apesar de serem bem pequenas já conseguem realizar algumas ligações e estabelecer vínculos de medo, o mesmo ocorre quando perguntamos se a caverna onde o lobo se escondia era clara ou escura. Observemos o diálogo:

“Estagiário A: Dentro da caverna é escuro?
Alunos: É escuro, muito escuro!
Estagiário A: E quem morava dentro da caverna?
Aluno: O lobo mau.”

No diálogo acima, podemos observar que as crianças associaram a caverna tanto a escuridão como ao lobo, isso mostra o poder de reflexão que um livro/palavra pode oferecer a uma criança, onde o professor deve ser o mediador dessa relação, questionando os seus alunos e estimulando a participação dos mesmos.

Percepções sobre o grande e pequeno e também quanto às cores foram identificadas nesta contação da história. Vejamos abaixo alguns trechos retirados da gravação:

“Estagiário A: O lobo é grande ou é pequeno?
Alunos: Ele é grande!
Estagiário A: E a boca dele é pequena ou grande?
Aluno: Ela é grande!
[...]
Estagiário B: E ele era bonito ou feio?
Aluno: Ele era malvado...
Estagiário A: Ele dá medo?
Alunos: Dá.
Estagiário A: Qual é a cor dos olhos dele?
Aluno: Azul
[...]
Estagiário A: Qual é a cor da caverna do lobo?
Aluno: Amarela.”

Em verdade, vários fatores são possíveis de serem observados acima, isso porque quando questionamos as crianças sobre as percepções de grande e pequenos, estamos fazendo com que elas percebam coisas que mesmo pequenas quando impressas no livro, pareçam ser grandes comparadas a outros objetos e personagens como a Chapeuzinho Amarelo. Vale ressaltar que estas também expõem um pouco de suas vivências e experiências com outras

histórias. Já quanto às cores, as crianças ainda ficavam em dúvida, paravam e refletiam um pouco, acabavam inventando cores para objetos e usando da imaginação para colorir o mundo do faz de conta.

Destacamos aqui, a importância da imaginação, pois durante a gravação muitas coisas eram ditas pelas crianças que pareciam não ter nexos com a história contada. Elas falavam sobre o Chapeuzinho Vermelho, sobre a vovó, sobre os três porquinhos, o que dava a imaginar que as crianças estavam tentando lembrar e colocar fatos de outras histórias já conhecidas dentro da história de Chapeuzinho Amarelo. Um fato interessante foi quando perguntamos o seguinte:

“Estagiário A: Quem é essa menina?”

Aluno: É a Chapeuzinho Vermelho.

Estagiário A: Como?”

Aluno: Chapeuzinho Vermelho.

Estagiário A: Mas ela é o chapeuzinho vermelho ou é outra cor?”

Aluno: Outra cor.

Estagiário A: Qual é a cor do chapéu dela?”

Alunos: Amarelo!”

Outro fato a se levar em conta é a personalidade das crianças, o que percebemos é que durante a contação da história, algumas crianças ficavam bem quietinhas, apenas escutando os estagiários contarem a história e os coleguinhas falarem a respeito. Alguns balançavam a cabeça e faziam sinal de quem estava entendendo a história, outros olhavam para o coleguinha e bocejavam algo, como se tivessem comentando sobre o que estava sendo contado. Podemos dizer que olhar para aquelas crianças e sentir que estavam prestando atenção foi realmente muito especial, pois sentíamos que estávamos de uma forma ou outra ajudando em sua formação e contribuindo para a solidificação de sua identidade.

- **Repertório de palavras e gosto pela leitura:**

Acreditamos que o contato direto com o livro e também através da contação de histórias as crianças acabam ampliando o seu vocabulário e conhecendo novas expressões para se comunicar e demonstra seus sentimentos. Pois através de estímulos visuais (ilustrações), auditivos (adulto leitor), táteis (livros de diversas formas e materiais), a criança começa a estabelecer em sua mente novas conexões. É importante destacar o papel do adulto leitor, que acaba por reforçar o uso de palavras que antes desconhecidas. Nessa perspectiva podemos citar aqui o fato de perguntarmos na contação da história o estado emocional de alguns personagens, isto é, se eles estavam tristes, alegres ou com raiva, dentro outras situações.

Abaixo podemos observar a seguinte situação, na qual demonstra o processo de ampliação do repertório de leitura:

*“Estagiário A: O lobo ficou chateado, o pobrezinho ficou triste, chorou, chorou...
Aluno: Chateado?
Estagiário A: Sim, chateado. Você sabe o que é chateado?
Aluno: Chateado... Sei não...
Estagiário A: Chateado é o mesmo que triste. Agora você já sabe o que é chateado?
Aluno: Sei! É triste.”*

Podemos perceber no diálogo acima que a criança agora passa a introduzir algo novo no seu repertório de palavras, passando a conhecer novas expressões que facilitam cada vez mais o seu diálogo com os outros indivíduos. Vale ressaltar que através da ampliação do vocabulário a criança acaba por estruturar até os aspectos da sua própria personalidade, uma vez que passa a estabelecer conexões à medida que escuta uma nova palavra.

É importante destacarmos aqui o gosto pela leitura, onde os livros assumem o papel de um excelente instrumento de aquisição da linguagem, que facilita a interação e promove o diálogo. Vejamos abaixo uma situação na qual é possível verificar o gosto pela leitura:

*“Estagiário A: Quem gostou da historinha?
Alunos: eu, conta outra professor!
Estagiário A: O tio conta já outra historinha, só que agora a gente vai falar um pouco sobre essa.
Alunos: Eba!”*

Percebe-se aí, o gosto das crianças em ouvir e participar de contações de histórias, e isso é uma característica positiva, pois sabemos que um dos principais objetivos de se contar histórias é o de instigar a criança a pensar e refletir sobre as diversas situações apresentadas no decorrer da contação, sendo perceptível o aumento do interesse e da atenção dos alunos.

4 Considerações Finais

Após, algumas discussões sobre a importância de se trabalhar a leitura com crianças pequenas, bem como também a importância da formação dos profissionais que atuam nessa área, chegamos à conclusão que o profissional da educação infantil, em especial o de ensino de literatura infantil, deve trabalhar de forma que desperte no seu aluno o gosto pela leitura, possibilitando no mesmo uma maior aprendizagem, desenvolvendo seu repertório de palavras, assim como despertar seu mundo imaginário, através de leituras lúdicas. Desta forma, o profissional da educação infantil deve estar sempre aberto para novos acervos da literatura infantil, buscando estar sempre informado, de modo a estar sempre inovando suas práticas metodológicas.

Quanto ao gosto pela leitura, acreditamos que deixamos a nossa pequena marca, pois ao ver cada rostinho e cada gesto, percebemos que mesmo para crianças que ainda nem sabem falar totalmente a leitura é de extrema importância. Nada feito com amor e carinho e em vão, nada que tenha um objetivo é em vão, nada que seja feito pensando no futuro é em vão. Acreditamos que de uma forma ou outra influenciaremos na formação daquelas crianças tão pequenas, que demonstraram todo o seu carinho conosco, pois na profissão docente, o que nos move é saber que desde cedo podemos fazer com que pessoas se desenvolvam de maneira plena e segura, e ainda mais, saber que um dia aquela pessoa poderá mudar algo no mundo e também deixar a sua marca em alguém.

No que se refere à experiência do nosso estágio, podemos perceber que o trabalho com a literatura infantil foi bem sucedido, uma vez que se pode perceber o entrosamento das crianças com a contação de histórias, onde estas conseguiam expressar suas noções básicas de formas, sentimentos, características essas, que destacamos como importantes, já que fazendo isso às mesmas estão desenvolvendo seu lado crítico e reflexivo.

Referências

BETTELHEIM, Bruno. Introdução: A luta pelo significado. In: _____. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 10 – 28.

COSTA, Marta Morais de. Objetivos do ensino da literatura na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental. In: _____. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: Ibpex, 2007, p. 40 – 57.

GODOY, Anterita Cristina de Souza. Identidade e formação docente. In: _____. **Fundamentos do trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

GOMES, Marineide de Oliveira. Uma aproximação com as identidades profissionais de educadores. In: _____. **Formação de professores na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2009, p. 31 – 64.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Pressupostos básicos da pesquisa qualitativa. In: _____. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 37 – 80.

Referencial curricular nacional para a educação infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretária de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

UERN. CONSEPE. Resolução nº 36/2010. Capítulo I: da concepção de estágio. Sala das Sessões dos Colegiados, 11 de agosto de 2010.

VILLARD, Raquel. O trabalho com a literatura infanto-juvenil: um diagnóstico. In: _____. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1999, p. 15 – 34.

_____. Revertendo o quadro: uma alternativa metodológica. In: _____. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1999, p. 15 – 34.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa Participativa. In: _____. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 93 – 96.